

MUSEU E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DE UMA METODOLOGIA

*Denise Cristina P. Catunda Marques**

MARQUES, D.C.P.C. Museu e Educação: reflexões acerca de uma metodologia. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 203-206, 1994.

RESUMO: Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a prática educativa desenvolvida pela equipe da Seção Educação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, no período compreendido entre 1989 e 1994. Primeiramente, procura-se destacar os aspectos principais da metodologia aplicada em alguns dos projetos para, em seguida, relacioná-los a uma proposta ampla de educação em museu.

UNITERMOS: Educação – Museu – Arqueologia – Objeto.

A Seção Educação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP desenvolve, desde 1989, uma série de atividades junto ao público de 1º, 2º, e 3º graus, professores e, mais recentemente, junto a outros grupos da comunidade.

As experiências desenvolvidas são marcadas por diferenciadas formas de ação, que refletem a gama variada de abordagens adotadas pela equipe.

Formada a partir da fusão dos extintos Instituto de Pré-História e Museu de Arqueologia e Etnologia,¹ a equipe teve, ao longo destes cinco anos, diferentes referenciais teórico-metodológicos norteando os seus projetos.

Estas instituições situavam-se, coincidentemente, no mesmo prédio, mas mantiveram as suas duas salas de exposição abertas e funcionando separadamente até agosto de 1992. A sala Marianno Carneiro da Cunha, do antigo MAE, possuía uma exposição que buscava tratar das

heranças culturais do Homem brasileiro. O acervo era composto por peças arqueológicas do Mediterrâneo e Médio-Oriente, América Pré-Colombiana e Brasil, além de peças etnográficas africanas e afro-brasileiras. A sala Paulo Duarte, do antigo IPH, compreendia uma mostra sobre o cotidiano na Pré-História, com ênfase no processo de hominização e pré-história brasileira e uma mostra sobre o cotidiano na Arqueologia (Bruno; Mello Vasconcellos, 1989).

Este fato fez com que as equipes também continuassem desenvolvendo a maioria de seus projetos separadamente, a partir de suas linhas originais de atuação. Estas diferenciavam-se substancialmente, tanto em virtude dos referenciais adotados, quanto pelo tipo de abordagem museográfica das salas às quais estavam ligadas. Mesmo após o fechamento das exposições para reformulação, em 1992, a atuação continuou nestes moldes.

A exposição será reaberta em breve, em um outro espaço e sob uma abordagem conceitual e museográfica que busca contemplar os diferentes acervos reunidos com a fusão. Este fato traz consigo novas problemáticas e novas possibilidades de abordagens pedagógicas, o que me levou, como integrante de projetos educacionais desde 1985, a fazer uma reflexão das atividades até então de-

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) A fusão envolveu, além das instituições citadas, o Museu Paulista e o acervo Plínio Ayrosa, do Depto. de Antropologia da FFLCH. Entretanto, apenas o Museu de Arqueologia e Etnologia e o Instituto de Pré-História possuíam atividades educacionais, sendo desenvolvidas, sistematicamente, por técnicos especializados.

envolvidas por esta Seção, no sentido de se explicitar alguns dos referenciais que as estiveram direcionando.

A metodologia utilizada em grande parte dos projetos permitiu que todas as atividades não subordinadas diretamente à exposição continuassem a existir, mesmo durante o período de fechamento, e que novas atividades fossem criadas.

Alguns dos projetos mantiveram a sua forma original e outros passaram por algumas adaptações, como é o caso das chamadas **Visitas Longas**. Estas têm suas raízes em um projeto desenvolvido em convênio com a CENP em 1981/82 (Hirata, 1985) e foram retomadas e reelaboradas pela equipe da Sala Marianno Carneiro da Cunha.²

Neste tipo de atividade, o diálogo com o educando dava-se a partir de questionamentos feitos com relação ao objeto, que é visto enquanto parte material da realidade cultural de um povo. Tido como documento, o objeto se torna fonte de informações, tanto em uma perspectiva de curta, quanto de longa duração (Segal, 1994). Tais questionamentos partiam da própria materialidade do objeto: sua forma, sua matéria-prima, a técnica empregada na sua confecção, a sua possível função, para se chegar às particularidades culturais do povo que o produziu. Neste processo, o educando descobria, de forma dinâmica e participativa, através do manuseio cuidadosamente direcionado de artefatos, a “linguagem do documento material”, podendo, assim, estabelecer um novo diálogo com os objetos expostos nas vitrinas do Museu (Raffaini, 1993), uma vez que apreendia um novo processo de coleta e interpretação de dados.

As diferentes experiências realizadas com os alunos demonstraram que não era apenas o educando que precisava ser sensibilizado para este universo, mas, também, o professor. Além disso, era necessário despertá-lo para uma série de questões, não só acerca da cultura material, mas da Arqueologia, da Etnologia e do espaço do Museu. Foi proposto, por este motivo, um **Laboratório Pedagógico de Orientação ao Professor**, que se

transformou, posteriormente, no **Mini-Curso para Professores**, onde as questões acima citadas eram tratadas e onde se incentivou a troca de experiências educacionais a partir do universo do museu. Ressalte-se que, nesta atividade, o professor também manuseava objetos e discutia questões referentes a eles, aproximando-se, assim, da realidade a ser vivenciada pelos seus alunos.

Pode-se afirmar que neste tipo de experimentação proposta, o processo de interpretação da documentação material é similar àquele desenvolvido pelo arqueólogo em seu cotidiano.

Outro desdobramento desta metodologia pode ser percebido no projeto **Museu Vai à Escola à Noite**. A partir da confecção de um *kit didático*, os alunos do período noturno seriam aproximados do universo material contido no museu. Este *kit* era composto por objetos (réplicas, objetos descontextualizados e/ou resultantes de trabalhos de arqueologia experimental), complementados por cartazes sobre as técnicas de fabricação e representação do uso de algum objeto, além de um texto contemporâneo a ele. Esta complementação possibilitava que se relacionasse o estudo do documento material representado pelo artefato com outros tipos de documentos: o escrito e o iconográfico.

Esta atividade era inicialmente desempenhada pelos técnicos da Seção, tendo sido estendida aos professores através de um treinamento intensivo para o uso do *kit*. Capacitados, então, a trabalhar junto aos seus alunos, tornaram-se, de certa forma, agentes multiplicadores, atingindo um número muito maior de pessoas do que aquele que poderia ter sido pela equipe de técnicos da Seção Educação. Para atender a esta nova demanda, vários outros *kits* foram confeccionados.

Em função dos princípios básicos que norteiam esta metodologia e seus diferentes desdobramentos, inúmeras formas de atuação junto a seus públicos tornaram-se possíveis. É o que se nota tanto no projeto **Crianças no Museu**, para crianças de três a sete anos, quanto no da **Terceira Idade**. Evidentemente, tanto um quanto o outro passaram por adequações relativas não só à faixa etária, mas também às especificidades dos objetivos propostos para cada caso.

Estes projetos possuem um núcleo comum centrado na sensibilização pelo objeto (Hirata, 1985). Este é tomado como ponto de partida para uma série de reflexões que se inicia pelo estudo

(2) A equipe era composta pelas técnicas: Célia Maria Cristina Demartini, Denise Cristina Peixoto Catunda Marques e Judith Mader Elazari, sob a coordenação da Profa. Dra. Elaine F. Veloso Hirata.

de sua dimensão material, desdobra-se na análise de seu contexto de produção/utilização e desemboca na sua inserção no espaço do museu.

A educação em museu baseia-se especialmente nos objetos (Alencar, 1987; Greenhill, 1983). Estes, entendidos como suportes materiais de informações, ao serem corretamente inquiridos e contextualizados, oferecem informações sobre si mesmos e sobre quem os produziu e/ou os utilizou. Através da obrigatoria contextualização por que passam, os artefatos podem ser inseridos em uma ampla perspectiva da realidade cultural humana, embora pareçam representar aspectos muito fragmentados da cultura de onde foram retirados (Bucaille; Peses, 1989).

Ao retraçarmos com o educando o processo de confecção de um dado artefato, estamos possibilitando a ele que compreenda a relação existente entre o Homem e a Natureza e reflita sobre as respostas humanas dadas aos problemas enfrentados nesta relação; e que, ao mesmo tempo, seja despertado e estimulado a pensar na sua própria relação com o mundo que o cerca.

Neste processo, os educadores que trabalham com o universo do museu devem procurar aproximar os visitantes de suas exposições, de seu acervo, agindo, ora como mediadores/facilitadores, ora como instigadores/fomentadores e ora como elementos de síntese das questões levantadas e tratadas.

Ao analisarmos a ação educativa em museu, devemos considerar as particularidades deste tipo de instituição cultural, sem que, entretanto, nos deixemos limitar por elas. A atuação educacional deve ser encarada a partir de uma concepção ampla de educação, como uma prática social possibilitadora de transformações e mudanças (Brandão, 1981). Assim, se considerarmos o aspecto multifacetado e a natureza interdisciplinar de uma instituição de caráter museológico, estaremos ampliando as possibilidades de desdobramentos educacionais.

Neste sentido, outra contribuição dada pelo museu, que pode ser ricamente explorada, é a de conscientizar o indivíduo de que ele é herdeiro de um patrimônio e de poder capacitá-lo a utilizar, preservar e também criar novas referências patrimoniais.

O museu, enquanto espaço de educação não formal, não pode estar limitado a bases curriculares pré-estabelecidas. Pode, e deve, propiciar vivências diferenciadas das da sala de aula, tanto no aspecto cognitivo, quanto no afetivo, para os mais variados públicos que o frequentarem.

A metodologia criada e desenvolvida pela equipe da sala Marianno Carneiro da Cunha, vem contribuindo para que esta visão de educação em museu se torne uma realidade .

MARQUES, D.C.P.C. Museum and Education: reflections on a methodology. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 203-206, 1994.

ABSTRACT: This work presents some reflections on education praxis developed by the education team of the Education Section of Museu de Arqueologia e Etnologia of São Paulo University, between 1989 and 1994. Primarily it aims at focusing the most relevant aspects of the methodology applied to some projects and then to relate them to an ample museum education proposal.

UNITERMS: Education – Museum – Archaeology – Object.

Referências bibliográficas

ALENCAR, V.M.A.

(1987) *Museu-Educação: se faz caminho ao andar...* RJ,PUC. Dissertação de Mestrado

BRANDÃO, C.H.

(1981) *O Que é Educação?* Ed.Brasiliense, Coleção Primeiros Passos. SP

BRUNO, M.C.; MELLO VASCONCELLOS, C.

(1989) A Proposta Educativa do Museu de Pré-História Paulo Duarte. *Rev. de Pré-História*, São Paulo, 7:165-186.

BUCAILLE, R.; PESES, J.M.

(1989) Cultura Material. *Enciclopédia Einaudi*, 16, C.M.L.I., Casa da Moeda.

GREENHILL, E.H.

(1983) Alguns pontos básicos sobre Educação em Museu. *Museums Journal*, 83 (2/3). (Tradução: Maria de Lourdes P. Horta).

HIRATA, E.F.V.

(1985) Relato das experiências educacionais do MAE: 1981-1982. *Dédalo*, São Paulo, 24: 11-20.

HIRATA, E.F.V. *et alii*

(1989) Arqueologia, educação e museu: o objeto enquanto instrumentalização do conhecimento. *Dédalo*, São Paulo, 27:11-46.

RAFFAINI, P.T.

(1993) Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3:159-164.

SEGAL, A.

(1984) Pour une didactique de la durée. H. Moniot (Org.) *Enseigner l'histoire - des manuels à la mémoire*. Peter Ed. Berne: 93-111 (Trad. - Circe MF. Bittencourt - p/ uso interno).

Recebido para publicação em 25 de outubro de 1994.